

## *L'arrière-texte: pour repenser le littéraire*

MARIE-MADELEINE GLADIEU, JEAN-MICHEL POTTIER ET ALAIN TROUVÉ  
Bruxelles, Peter Lang, 2013, 219 p.



O Centro Interdisciplinar de Investigação sobre os Modelos Estéticos e Literários (CRIMEL), em parceria com o Centro Interdisciplinar de Investigação sobre as Línguas e o Pensamento (CIRLEP), dois grandes laboratórios de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Reims, propõe, desde 2005, um Seminário dedicado à problemática da leitura literária.

Tendo sido publicados os textos apresentados neste Seminário na colecção que até agora reúne já seis volumes, globalmente intitutados, em homonímia com o Seminário, «Approches interdisciplinaires de la lecture», o volume publicado em 2013 insere-se numa colecção recente, iniciada em 2010 – *ThéoCrit'*, em edição Peter Lang –, apostada em demonstrar a necessidade de um retorno à teoria, numa era em que alguns proclamam o declínio dos estudos literários. Idêntica opção têm vindo a nortear recentemente outras casas editoras francesas, nomeadamente a editora Classiques Garnier, com a colecção «Rencontres», Série «Théorie littéraire», inaugurada em 2013, e que conta já com três volumes publicados.

Postulando outras modalidades na sua relação com o sujeito e com o mundo, inscrevendo noutros palcos a sua relação com os média e com as outras artes, a produção literária contemporânea demanda outras abordagens metodológicas bem como conjectura novas figuras teóricas que urge debater e conceptualizar. Estes são os propósitos de uma colecção atenta à definição do seu próprio objecto de estudo – a literatura – e à indagação sobre o seu poder na contemporaneidade, propósitos a que a dimensão heurística da crítica literária, sustentada em modelos e categorias teóricas operatórias adequadas,

acrescentará o seu contributo. Ora, é precisamente em torno de uma noção fundadora que se organiza o n.º 8 da colecção ThéoCrit', que nos compete agora ler: a noção de *arrière-texte*.

Esta noção situa-se claramente no quadro geral da reflexão francesa sobre a textualidade desenvolvida a partir da década de 1960. O enfoque sobre o *texto*, e já não sobre a *obra*, marca de facto a grande viragem nos estudos literários franceses, até então dominados pelas propostas metodológicas da história literária de raiz lansoniana, herdeira ainda do binómio vida e obra sainte-beuviano que Antoine Compagnon tão bem escalpelizou em *La troisième République des Lettres* (1983) através do neologismo «vieuxvre», denunciando o escamoteamento do relacionamento tensional entre a ficção e a verdade factual que uma leitura biografista das obras literárias, centrada sobre a autoridade autoral, proporciona.

É pois do maior interesse para o estudioso acompanhar as várias propostas teórico-metodológicas que a reflexão francesa tem vindo a propor em torno da abordagem intertextual, e de que este livro faz o historial crítico, justificando a pertinência da noção de *arrière-texte* e do lugar que lhe cabe nos estudos literários contemporâneos interessados na problemática da leitura. São assim passados em revista conceitos operatórios devedores da ideia central de *intertextualidade* (sendo evocados, entre outros, os nomes de Julia Kristeva, leitora do conceito de *dialogismo* em Bakhtine, e daquela por Roland Barthes, de Laurent Jenny ou de Derrida), conceitos que frutificaram noutros comumente integrados nos nossos léxico e prática crítica universitários, sobretudo a partir da sistematização operada por Gérard Genette. Não desejando sobrepor-se a ou invalidar a sua contribuição, a noção de *arrière-texte* procura o seu lugar nas insuficiências do conceito abarcante de *intertextualidade*, no que toca particularmente à problemática da leitura e da literariedade. Uma problemática que as perspectivas intersemióticas têm vindo a diluir, atendendo ao campo relacional de largo espectro que propõem abarcar. No que toca à primeira, Alain Trouvé, responsável pela articulação teórica do volume, sublinha o campo ainda por explorar do «intertexto latente» que resulta da distância, favorável ao leitor, entre o que Umberto Eco havia já designado por «intentio lectoris» e «intentio auctoris», evitando-se a substituição de uma pela outra no acto de leitura; no que toca à segunda, o autor sistematiza algumas lacunas do conceito de intertextualidade relativamente à questão da literariedade. Refere, sinteticamente: a amálgama de todo o tipo de discurso subjacente ao conceito lato de intertextualidade, praticada, por exemplo, pelos «estudos culturais», e que constitui um dos pontos mais discutíveis desta corrente, não obstante

os relacionamentos intersemióticos estimulantes que pode proporcionar; a extensão do próprio conceito de *texto* às trocas intermediárias, particularmente de natureza iconográfica, donde resulta a favor da noção de *arrière-texte* o espaço que este oferece ao relacionamento específico entre os textos e dados de natureza extratextual que com ele dialogam.

Se os primeiros capítulos do livro são dedicados à apresentação e análise da noção que justifica o seu título, situando-a nas suas dimensões discursiva (confrontando-a com noções que dela se aproximam), teórica (perante as tendências *textualistas* de que emana), na sua dupla articulação de escrita (onde reconsidera a questão da autoridade autoral e do inconsciente) e de leitura (situando-a nos seus variados tempos históricos, espaços geográficos e estratos sociológicos, institucionais, linguísticos e culturais), alguns dos capítulos seguintes ilustram o subtítulo do livro, embora remetam, mais especificamente, para outras realidades literárias que não a francesa (essencialmente abordada através de autores do séc. XX), abrindo a noção a uma abordagem mundial da produção literária. As literaturas sul-americanas pré-hispânicas, indígenas, crioulas ou africanas (ainda de língua francesa), pós-coloniais e contemporâneas convocam então a atenção dos autores, demonstrando a operacionalidade metodológica do *arrière-texte* nesses campos.

Não se limitando às potencialidades da noção na relação de leitura, os autores detêm-se ainda nos condicionalismos extratextuais que limitam, de algum modo, aquela relação. São assim apresentadas as potencialidades de análise do *arrière-texte* aplicadas ao campo institucional escolar e editorial francês, nomeadamente através de categorias como a crítica literária, universitária, jornalística, de autor, para além de ser referido o papel das casas editoriais, mormente pelo condicionamento a que por vezes chegam a sujeitar o futuro das obras (quando não a própria independência autoral).

O *arrière-texte* afirma-se então como uma noção que permite «repensar o literário» a partir do que está a montante do texto. Não será difícil ao leitor português estabelecer pontes entre a pertinência desta noção e a sua aplicação a contextos políticos concretos. Sejam exemplo (mas não exemplares), as orientações experimentadas no nosso ensino básico e secundário (mau grado até, por vezes, universitário), que tem vindo a «esquecer» (deliberadamente?) o conhecimento das literaturas estrangeiras – e com elas as diferentes visões do mundo que a literatura convoca, com as consequências que sabemos quer ao nível da formação do necessário espírito crítico do aluno universitário, quer ao nível das suas competências de literacia, de comunicação e expressão oral e

escrita, e de sensibilidade estética às línguas (das quais a literatura é uma das suas realizações exponenciais).

Enquadrando-se facilmente na língua francesa, por via de uma prefixação recorrente – *arrière-pays*; *arrière-garde*; *arrière-pensée*, etc. –, a expressão *arrière-texte* surge aos autores depois de percorridos conceitos afins, cuja insuficiência é explanada (como *geno-texto*, *ante-texto*, *infratexto* e outros cenários de leitura). Trata-se de uma expressão de difícil tradução em português. Nela confluem leituras passadas, já profundamente enraizadas e por isso dificilmente localizáveis no tempo e no espaço, experiências de vida, pressupostos culturais, de onde resulta um texto *latente* que se vai enriquecendo tal palimpsesto dinâmico, poroso, ao ponto de se constituir como um saber/texto que identifica o processo de criatividade, mas também a *actividade* de leitura, como actividade secundária, verificável através da produção verbal, autónoma, do leitor a propósito do texto lido, e da qual resulta o «texto de leitura».

Poderíamos propor, provisoriamente, a tradução de *arrière-texte* por *aquém-texto* – salvaguardando a dimensão espacial, mas também psicológica, da noção: o que está *sob* o texto, o «intertexte caché», ou por *proto-texto* – valorizando a sua dimensão temporal; interrogamo-nos no entanto sobre a necessidade desta tradução se tivermos em consideração a dimensão *supranacional* constitutiva da teoria da literatura, considerando, por isso, que será preferível manter a expressão na língua original, francesa, tal como o fazemos para outros conceitos, como o de *mise en abyme*, ou outros, de raiz germânica, como o de *Bildungsroman*, ou anglófona, como os de *flash back*, ou, mais recentemente, *spatial turn* (ou *tournant spatial*, em francês), ou até *French theory*, de que François Cusset celebrou os prolongamentos pós-estruturalistas nos Estados Unidos, na obra homónima *French Theory*, publicada em 2003. Teoria literária, naturalmente *mundial*, que agora se enriquece com esta nova noção, passível de ser reconhecida como conceito operatório.

Se a operacionalidade do *arrière-texte* é patente no campo editorial e no campo político (onde a noção pode até contribuir para clarificar determinadas opções de políticas de ensino, como vimos), ela é também abordada neste livro relativamente aos «estudos literários culturais», correspondendo a actuais posturas críticas que visam evidenciar a especificidade do discurso literário nesse campo (para além do nome do precursor destes estudos no universo francófono, Jan Baetens, é também referido o Seminário «Histoire littéraire ET Études littéraires culturelles» organizado pelo grupo de investigação LEA-Lire en Europe aujourd'hui, na Universidade de Aveiro, em Julho de 2012). Algumas perguntas ficam no entanto no ar

após a leitura deste livro: privilegiando posturas de Close Reading, como aplicar a noção de *arrière-texte* a posturas de Distant Reading actualmente invocadas por algumas tendências teórico-críticas inscritas no *spatial turn* global, contemporâneo? Como validar esta noção no quadro de literaturas digitais e/ou geradas em interactividade entre autor e leitor, aparentemente «sem passado»? Como articular a noção de *arrière-texte* no contexto da literatura traduzida, em que a relação mediada pelo livro entre autor e leitor conhece um novo protagonista da leitura, produtor de um novo *texto de leitura* – a obra traduzida? Questões que seria útil abordar em próximos seminários do CRIMEL e do CIRLEP.

*Maria Hermínia Amado Laurel\**

---

\* Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da mesma Universidade (CLLC – 2014).